



Bagé é destaque na pintura brasileira



Portal da Cidade de Bagé - RS

PORTAL DE BAGÉ
RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

dados do município
administração
tributos
história
turismo
eventos
publicações legais
galeria de fotos

Página VII

Glênio Bianchetti, 77 anos hoje

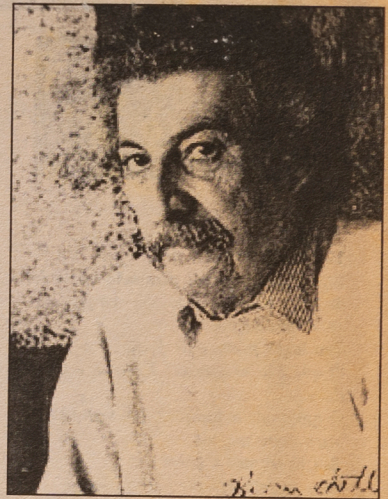
Glênio Alves Branco Bianchetti, nasceu em Bagé, no dia 15 de janeiro de 1928. Hoje, sábado, ele está de aniversário.

Gravador, pintor, ilustrador, tapeceiro e professor, iniciou estudos artísticos na década de 40, sob orientação de José Moraes. Muda-se para Porto Alegre em 1947; estuda no Instituto de Belas Artes, onde é aluno de Iberê Camargo, e funda, em 1951, o Clube de Gravura de Bagé, ao lado de Glauco Rodrigues e Danúbio Gonçalves. Em seguida, com os artistas Carlos Seliar e Vasco Prado, participa da fundação do Clube de Gravura de Porto Alegre. Em 1953, dirige o setor gráfico da Divisão de Cultura e Educação da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Nesse período, ilustra obras literárias e realiza seus primeiros painéis.

Em 1961, transfere-se para Brasília e ajuda a construir a Universidade do Distrito Federal, onde leciona.

Ferreira Gullar e a coordenação editorial da Bertoni Designer.

Glênio Bianchetti confessou que selecionar o material para este livro-depoimento foi um trabalho difícil. Somente o que foi reunido num primeiro momento daria para lançar mais quatro livros. Mas, segundo ele: "Me enche de satisfação. Nunca tive um livro sobre a minha obra exclusivamente feito para mim. Este é o primeiro e representa também um compromisso com a profissão e com todos que me incentivaram e apoiaram para que eu fizesse meu trabalho", declarou.



Exposição e Livro

O bageense Glênio Bianchetti está entre os pintores expressionistas figurativos de maior talento e originalidade surgidos após a geração dos mestres da primeira fase do modernismo brasileiro.

Atualmente, o artista está com a exposição "Glênio Bianchetti" na Galeria Principal do Conjunto Cultural da

Crítica

Glênio é considerado um dos mais completos artistas brasileiros atuais. Para os críticos, seu trabalho registra as vicissitudes e emoções dramáticas, e múltiplas, experimentadas pelo homem, ao longo do século XX. "Acho que o artista não deve ter preferência por cores mas dominar todas e procurar harmonizá-las, inclusive as que ele criou", explicou o mestre dos profundos tons de verdes e azuis.

Aos 77 anos de idade, Bianchetti continua pintando muito, "todos os dias". Escolheu pintar o social do cotidiano e garante que continua fiel ao estilo, coerente com o que defendia nos anos 40.

Página VII - Suas palavras são uma recomendação ou conselho?

Bianchetti - Precisamos incentivar o jovem. É preciso querer aprender. Naquele tempo era bem mais difícil, mas a determinação venceu e isso prevalece: determinação. O próprio Pedro, o filho dele Ernesto Wayne, o Clóvis Assumpção... eles sabiam que qualquer opinião para nós servia para debater, discutir...

Olha, as pessoas de arte de Bagé - Bagé que me orgulha, eu tenho orgulho de ser bageense -, essas pessoas devem fazer uma campanha para que se tenha um teatro na cidade, é importante. Uma coisa está ligada a outra, os meios de cultura são necessários para essa organização.

Página VII - Quando é que o senhor vem a Bagé?

Bianchetti - Há um ano estive aí. Mas eu gostaria muito de lançar o meu livro em Bagé. Acontece que no projeto da

Caixa o Rio Grande não foi contemplado. É uma pena. Quero lançar este ano na minha terra o livro que é a minha obra em pintura e também expor. Como é muito caro, transporte e essas coisas... Tenho que conseguir um patrocínio. Mas eu vou estar aí.

Página VII - O senhor pinta todos os dias e declarou que um artista não se aposenta nunca...

Bianchetti - Uma semana antes de morrer, Picasso ainda pintava.

Bagé, sábado, 15 de janeiro de 2005 — pág. III

Causos & Contos de Bagé

Artistas de Bagé

Pedrinho Bianchetti tinha uma padaria na rua Barão do Triunfo - uma fábrica de massas. Padeiros em Bagé nos meados do século XX - ele e Dirceu Lamas.

Trabalhavam muito. Aliás, o município tinha inúmeras fábricas, mostrava-se próspero...

Mais tarde, a família Bianchetti abriu um grande restaurante no início da avenida Tupy Silveira.

Mas, antes, Glênio Bianchetti já estava no mundo das artes, já estava envolvido com os pensadores da cultura bageense.

Neste período, sabia-se que o velho Pedrinho não gostava muito dessa coisa de ser artista.

- O que esse rapaz está pensando da vida?

O homem, trabalhador, empreendedor... mais tarde investiria em campos, ovelhas, etc.

Portanto, inadmissível que o filho enveredasse para o mundo artístico, ainda mais como pintor de quadros.

Enquanto isto, Glênio, Danúbio, Pedro, Clóvis, Glauco... reunidos passam livros de mão em mão. Mantinham um grupo unido, lutando pela cultura, pelo desenvolvimento artístico de Bagé.

- Vai trabalhar, Glênio!

- Deixa o menino, talvez dissesse a mãe, como geralmente elas teimam em dizer.

Até que ele se foi. Para outras plagas, botar um pouco de azul e verde profundos nesse mundo.

Foi para lá e para cá. Porto Alegre, Brasília... Europa.

Em Brasília ajudou na formação da Universidade dos sonhos de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, a Universidade do Brasil.

Foi ser professor, artista, tapeceiro...

E o pai aqui, pensando na loucura daquele rapaz que teimou em ser uma coisa "sem fundamento".

- Artista morre de fome. Daqui a pouco está aí de volta, pedindo uma cama e um teto.

Passou o tempo.

Glênio vinha e ia. Pintando e mostrando seu mundo de expressões e cores, frutos de pensares antigos, de pensares amadurecidos.

Até que um dia, o velho Pedrinho inventou de visitar o filho em Brasília.

Chegando na capital federal, endereço no bolso, encontrou o filho. Olhou. Uma bela casa.

Até aí, tudo bem, pode ser de um amigo ou quem sabe... Entrou, sentou, conversou. E avistou, em cima da mesa, uma declaração de imposto de renda. Leu e perguntou:

- De quem é?

- Minha, pai.

- Tu ganha tudo isso? Mas quem tu pensa que é pra ganhar mais que o teu pai?



Glauco Rodrigues, José Moraes, Glênio Bianchetti e Clóvis Chagas

Caixa em Brasília. A mostra na capital federal encerra amanhã, 16 de janeiro, seguindo para São Paulo, depois Salvador, Rio de Janeiro e Curitiba. "Estou muito satisfeito com a visitação, um grande público está indo no Conjunto Cultural da Caixa ver o meu trabalho", contou ao jornal *Página VII*.

Paralelo à exposição, acontece o lançamento do livro G. Bianchetti, que marca os 55 anos de carreira do pintor, com grande parte de suas pinturas.

A exposição é composta de obras recentes do artista, em 31 telas de médio e grande porte, e mais quatro obras de grande porte pertencentes ao Acervo Caixa. O livro, também patrocinado pela Caixa, é um registro fotográfico de excelente qualidade editorial que marca a trajetória do pintor desde os anos 40, reunindo 185 pinturas escolhidas por suas representatividades nas diversas fases do artista. O texto de apresentação do livro é do poeta

Para crianças

Faz parte do acordo entre Glênio Bianchetti e a Caixa a realização de uma série de oficinas do pintor para crianças de escolas públicas de comunidades carentes. Dez oficinas foram realizadas entre setembro e outubro com alunos do Distrito Federal.

Entrevista

A entrevista abaixo foi concedida por telefone, de Brasília, onde o pintor mora com a família.

Página VII - Como o senhor se define como artista?

Bianchetti - Minha pintura vem da escola expressionista da Alemanha. Nem por isso deixo de ser um expressionista brasileiro que está, tam-

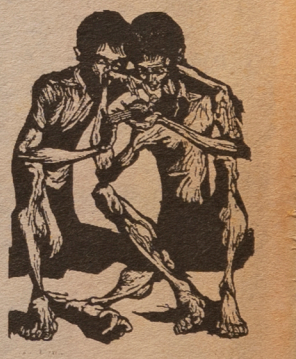
bém, para a escola francesa. Porém, minha arte nasce com o Modernismo de São Paulo, que equivale ao Renascimento.

Página VII - Como vocês (Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves...) conseguiram se reunir na Bagé da década de 40 e construir um grupo de arte tão forte?

Bianchetti - Não sei explicar. Mas conseguimos, talvez por dedicação, por sabermos o que queríamos, porque - como dizia o Pedro Wayne - não éramos só pintores, éramos interessados por tudo relacionado à cultura, todas as atividades culturais nos interessava. Um livro corria de mão em mão e depois discutíamos o que estava ali, o que foi lido. Havia determinação.

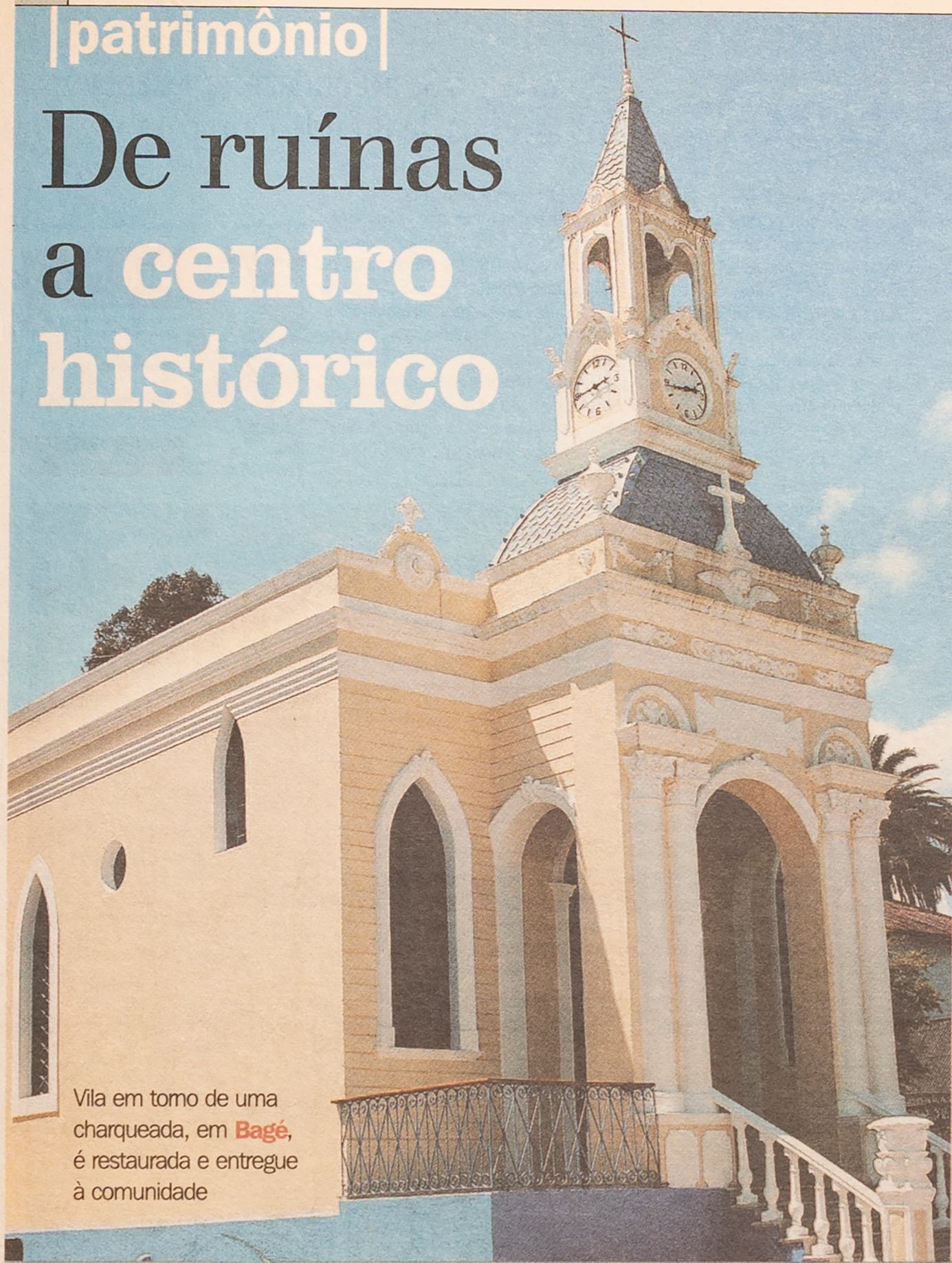
Outra coisa: É preciso ter a humildade de aprender e nós temos esta humildade.

Dois meninos com o pássaro, 1957



[patrimônio]

De ruínas a centro histórico



Vila em torno de uma charqueada, em Bagé, é restaurada e entregue à comunidade

CRISTIANO LAHEIRA, ESPECIAL

RONAN DANNENBERG

Neste final de semana, a Vila de Santa Thereza, em Bagé, voltará a escutar os badalos do sino de sua capela. Será como um toque de despertar para esta pequena comunidade que estava fadada às ruínas, destino interrompido em 2005, quando começou o restauro dos prédios construídos no entorno da antiga charqueada do Visconde Ribeiro de Magalhães.

Hoje será inaugurada a primeira etapa da revitalização do sítio histórico. Quem insistiu em permanecer no vilarejo vai ter a alegria de reviver o passado de orgulho e desenvolvimento.

O aposentado Itamar Robaina Madeira, 74 anos, não acreditava que a vila pudesse se tornar referência histórica e cultural do município da Campanha. A comunidade em que nasceu e se criou morria aos poucos desde o encerramento das atividades da charqueada, na década de 1960. Mas Itamar não arredou pé. Permaneceu morando próximo à Capela de Santa Thereza D'Ávila, onde foi batizado. Ao lado dela, o Teatro Santo Antônio era palco de festejos de que Itamar lembra como se fosse hoje. Trabalhando em um pequeno armazém com o nome da vila, ele está ansioso por viver novos momentos de lazer na comunidade.

— Era um tempo muito bom que teremos a oportunidade de reviver — comemora o morador. O lugar ganhou oficialmente

Bagé

o nome de Centro Histórico Vila de Santa Thereza. Seu restauro, que recupera prédios que estavam em ruínas, é fruto de um insistente trabalho da Associação Pró-Santa Thereza, fundada em 2003. O grupo é capitaneado por Maria Luísa Teixeira da Luz, 68 anos, bisneta do Visconde Ribeiro de Magalhães, e Irecê Mógia, 81 anos, da família que comprou a charqueada depois que Magalhães morreu, em 1926.

— A vila estava morrendo aos poucos. Não podíamos deixar que isso acontecesse. A importância cultural e histórica do lugar é muito grande — diz Maria Luísa.

A Lei de Incentivo à Cultura do Estado autorizou a captação de R\$ 740 mil. A Lei Rouanet, R\$ 1,098 milhão. Copesul Braskem, Lojas Obino, Supermercado Peruzzo e Eletrobrás, além da prefeitura do município de Bagé, são os patrocinadores.

Os mais de R\$ 1,8 milhão foram suficientes para restaurar a capela da vila e reconstruir o Teatro Santo Antônio, cuja concepção arquitetônica original, praticamente destruída, foi substituída por uma estrutura moderna.

Hoje, às 19h, uma cerimônia de reinauguração está agendada para autoridades e convidados. Amanhã as portas serão abertas para a comunidade com eventos culturais. Será apenas o início do renascimento de um local que servirá como complexo histórico e cultural do município.

O próximo passo da Associação Pró-Santa Thereza será a restauração do entorno dos prédios recém revitalizados, onde estão as ruínas do casarão do Visconde Ribeiro de Magalhães. A comunidade pode esperar por mais.

ronan.dannenberg@zerohora.com.br

O restauro

> A singela Capela de Santa Thereza D'Ávila estava com o teto desabando. As pinturas murais do torço, de autoria do arquiteto e artista plástico Pedro Obino, estavam destruídas e não puderam ser recuperadas. O interior da igreja será permanentemente decorado com pinturas feitas pelo artista bagense Glênio Bianchetti que estiveram recentemente expostas em Porto Alegre. Serão 14 telas que representam a via-crúcis e um tríptico com as imagens de Santa Thereza, São Francisco e Santa Clara. Os 70 lugares e as cores suaves dentro e fora do prédio foram mantidos.

> O Teatro Santo Antônio também estava totalmente destruído. Da obra original não restou praticamente nada. Sobre a base do prédio, erguido no fim do século 19, foi construído um novo — uma estrutura de traços modernos que estabelece um curioso contraste com casas e outras pequenas edificações mais antigas.

> Outras duas obras de restauração estão em andamento e serão inauguradas posteriormente. A casa de Antônio Pimentel Magalhães, um dos filhos do Visconde Ribeiro de Magalhães, será usada como memorial para contar a história da vila. Um anfiteatro também está sendo erguido próximo ao coreto situado em frente às ruínas da casa do visconde.

Uma vila que é pura história

Visconde Ribeiro de Magalhães inaugurou sua charqueada em 1897. Decidiu não só erguer a indústria, mas criar uma estrutura para que os 800 funcionários e seus familiares desfrutassem do local como se estivessem em uma pequena cidade situada no interior de Bagé.

O investimento foi tão grande e chamou tanto a atenção da região que a assim chamada Vila de Santa Thereza chegou a ser difundida como modelo de urbanização para a região da Campanha. Na época, havia até energia elétrica, recurso que só chegaria à própria cidade de Bagé anos depois. A população desfrutava de atendimento médico, armazéns e

carpintaria, entre outros serviços.

Depois da morte do visconde, em 1926, aos 85 anos, as famílias Mógia e Prati assumiram o controle da charqueada e de todo o seu entorno. Na década de 1960, as atividades foram encerradas. Muitos moradores deixaram Santa Thereza. Poucos permaneceram na esperança de que a comunidade fosse revitalizada.

O prédio da antiga indústria atualmente está ocupado por uma empresa transportadora. Outros prédios foram adquiridos por pessoas físicas e até pela prefeitura, como é o caso do antigo posto médico da vila, que virou uma escola da rede municipal de educação.

Teatro Santo Antônio também já foi recuperado. Próximos passos incluem um memorial e um anfiteatro



Bagé, SÁBADO, 25 e DOMINGO, 26 de outubro de 2008

Jornal Minuano 9

Minuano Cidade

Primeira etapa do Centro Histórico de Santa Thereza é entregue hoje

A entrega oficial da primeira etapa da restauração do Centro Histórico de Santa Thereza acontece hoje, na presença de autoridades e convidados. A obra faz parte do projeto Copesul Braskem Cultural e tem o apoio da Prefeitura de Bagé. No domingo, o Centro Histórico abrirá suas portas para a comunidade com uma intensa agenda cultural.

A programação de hoje inicia às 19h, com uma cerimônia na qual a importância do Centro

Histórico de Santa Thereza será destacada para os moradores do local. Após o ato, será celebrada a primeira missa na capela, após a restauração. O ofício religioso terá a participação do Coral Nossa Senhora Auxiliadora, regido pela maestrina, Gilca Nocchi Collares. As 20h, haverá apresentação de "Jograis de Thereza em Concerto", espetáculo dirigido por Sapirán Brito e interpretado por atores locais. As 21h, o ato solene de inauguração do complexo histórico.

Na capela, estarão expostas pinturas feitas por Glênio Bianchetti. São 14 telas que representam a Via-Crúcis e um tríptico - três pinturas unidas por uma moldura — alusivo às figuras de Santa Thereza, São Francisco e Santa Clara. As telas foram especialmente concebidas para decorar o santuário.



MINUANO



Ano XIII - Nº 3154 Bagé, SÁBADO, 25 e DOMINGO, 26 de outubro de 2008 R\$ 2,00

www.jornalminuano.com.br

Noite especial para a história de Bagé



Iniciativa comunitária, liderada por Yerecê Belmonte Mógia, o projeto de resgate do Centro Histórico de Santa Thereza despertou o interesse da prefeitura e, depois, importante apoio da iniciativa privada. Todos esses fatores fazem com que este sábado, 25 de outubro de 2008, passe à história de Bagé como a data em que se instala a primeira fase da restauração de um cenário que, no fim do século XIX e início do século XX, foi um marco em termos de progresso, desenvolvimento e bem-estar coletivo.

ECONOMIA
Redução de vagas em frigoríficos preocupa sindicato

POLÍTICA
Mainardi convidado para cargo em Brasília

COMUNIDADE
Bagé voltará a ter cinema ainda este ano

POLÍCIA
Abigeatários voltam a agir no município

FUTEBOL
Bagé com time desfalcado contra o Porto Alegre

CORREIO DO SUL

João Bosco Abero*

Bianchetti

Catalogar Bianchetti como expressionista talvez resulte em meia verdade. Se não, em algo muito limitante como, para um vinho de larguíssima história, definição sumária: é um cabernet. Um cabernet? Mas... e a vinícola? E as vides? E as longas estagagens? E os duros meses de ramos hirtos, suportando a invernia? E o fecundo sono no útero de carvalho?

Expressionista sim, a partir de certo ponto, naquilo em que, já senhor de assombrosa maestria, precisou acentuar em seu trabalho a economia de meios, visando a ressaltar o lado dramático dos temas, em detrimento dos detalhes, meramente descritivos ou decorativos. Exemplo deste empenho encontramos no célebre quadro "o grito" de Munch, o insigne mestre expressionista. Em Bianchetti sempre. Mesmo quando esteve aprisionado pelos cânones do "realismo socialista", seu instinto já o conduzia para um traço incisivo, despojado, sintético, gráfico.

A honradez com que sempre se conduziu na vida, o enrijecimento obtido na luta contra as asperidades dos anos de chumbo, refletem-se agora no desusado vigor de seus quadros, de uma beleza severa e esplendente ao mesmo tempo.

É nessa fase, diríamos de ouro, do grande pintor conterrâneo, que Bagé se vê agraciada com quinze quadros destinados ao embelezamento da capela de Santa Thereza, em tão boa hora restaurada graças à abnegação de Irecê Mógia e Marilu Teixeira, entre outros.

Para o altar, Glênio realizou um tríptico, com a Santa ao centro, ladeada por dois anjos. Nas peças laterais o pintor logra efeito surpreendente: os anjos transmitem muita santidade, transcendência, espiritualidade, sem prejuízo de sólida humanidade. A figura da esquerda, genuflexa, calca o piso com força. A mansidão estampada no rosto não conflita com

OPINIÃO

acentuada virilidade.

A Via Crucis é capítulo a parte. Sabe o leitor o quão vã seria a tentativa de descrever a grandiosidade de um trabalho disperso por catorze peças. Destaco apenas detalhes que se prestam a um enfoque literário. Na segunda estação Jesus recebe a cruz, entregue ao mais completo abandono. A companheirada foge. Um cão apenas, estreitamente colado à perna do mártir, lhe empresta algum consolo.

No quadro seguinte Jesus cai pela primeira vez. As duas mãos ainda estão erguidas, segurando a cruz ao alto da cabeça. Na estação sete a segunda queda. Uma das mãos busca apoio no chão. A cabeça pende mais. A radiossidade cede lugar ao sofrimento. Na estação nove Jesus volta a cair. Agora as duas mãos tocam o solo. A cruz jaz estendida sob o corpo. A cabeça cai ao máximo.

O tema da crucificação, estação doze da Via Sacra, põe em grande evidência a maturidade e seriedade do artista. A abordagem é feita sem qualquer pretensão a inovar. O projeto é o mesmo que dos primitivos varou a renascença e chegou aos modernos. Bianchetti, como o fizeram Velazquez e Gauguin, para citar dois pincelos somente, extrai da figura de Jesus toda a pungência imaginável.

Os elementos que cercam Jesus, inclusive o lenho, em ocre esmaecido, são mera servidão. É o corpo, em cor que não me atrevo a definir, que tudo diz. "Magro lírio de luz" diria Ernesto Wayne em riquíssima imagem. Bianchetti refaz o exato instante em que a cruz, emblema da "civilização romana", mudou de sentido.

*Escritor